Entrega das insígnias de « Grand Officier de la Légion d'Honneur »

A Manoel de Oliveira

Porto, 9 de Dezembro de 2014

Alocução do Embaixador de França

Senhor Secretário de Estado,

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto,

Senhores Vereadores,

Senhor Presidente da Fundação de Serralves,

Senhor Director Regional da Cultura,

Caros amigos,

e muito querido Manoel de Oliveira,

Antes de mais, permita-me agradecer à Fundação de Serralves, na pessoa do seu Presidente, que nos recebe esta noite neste belíssimo museu que é obra de um mestre da arquitectura, para honrar e celebrar um mestre do cinema.

É um momento excepcional que hoje vivemos, em todo o caso único na carreira de um Embaixador, com a entrega da mais alta distinção da República Francesa a um dos maiores cineastas, um génio com múltiplos dons que atravessou mais de um século.

Porque com o Senhor, Caro Manoel de Oliveira, o tempo é um parceiro fundamental. E aqui está realmente a dificuldade uma vez que, como sabe, ao entregar-se uma condecoração, é costume fazer-se um resumo da carreira da pessoa distinguida. Mas, será que ainda possível apresentá-lo? E como "resumir" tantos anos e tantas vidas? Digo a palavra vidas, no plural, porque uma vida só não seria suficiente para preencher 106 anos. São absolutamente necessárias várias; e realmente foi o que aconteceu:

- a vida do desportista de alto nível, o ginasta, acrobata, o atleta campeão de Portugal e recordista nacional de salto à vara;

- a vida do piloto de automóvel, vencedor de muitas provas, entre as quais o Grande Prémio, em 1937, no Circuito Internacional do Estoril, o Grande Prémio da Cidade do Rio de Janeiro, a Rampa do Gradil;

- a vida do piloto de avião;

- mas também a do agricultor, do vitivinicultor do Douro, que “sabe cultivar o seu jardim” para aí produzir deliciosos néctares;

- a vida do industrial, por tradição familiar, tendo o seu pai sido um percursor em vários sectores da indústria nacional. Até aos 60 anos, o Senhor dedicou-se à gestão da empresa familiar.

E depois, claro, há as vidas vividas na arte:

- o actor que pudemos apreciar em filmes como *Fatima Milagrosa* de Rino Lupo em 1928, ou o de Wim Wenders em 1994, passando pelo famoso filme *A Canção de Lisboa* de José Cotinelli Telmo, o segundo filme falado em português em 1933;

- o dançarino, e temos presente na memória esta sua imagem no filme *Inquietude*, valsando nos braços da sua esposa, nos salões da Casa de Serralves;

- e mesmo o cantor de Fado, interpretando o tenebroso “Mãos criminosas” no palco do Teatro Sá da Bandeira;

- até que chegamos ao realizador. Seria um risco querer resumir a sua carreira que todos conhecemos e que todos admiramos, ou evocar os seus 57 filmes.

Cada um deles mereceria ser aprofundado: da curta-metragem *Douro, Faina Fluvial*, rodada em finais dos anos 20, e de *Aniki Bóbó*, a sua primeira longa-metragem em 1942, ao *Velho do Restelo*, realizado em Junho passado. Uma obra que se estende por 84 anos, a de um realizador genial, mostrando sempre uma modernidade radical, não cessando de se pôr em causa, de explorar novas estéticas, e manifestando sempre uma forte consciência do valor artístico do cinema.

A sua obra é saudada no mundo inteiro e valeu-lhe imensas recompensas e prémios nacionais e internacionais, de Cannes a Veneza, de Berlim a Locarno, de Montreal ao Mar de la Plata, de Tóquio a São Francisco.

- Mas não posso deixar de falar do homem Manoel de Oliveira, o marido ao lado da sua esposa Maria Isabel há 74 anos, o pai de duas filhas (Adelaide Maria e Isabel Maria) e de dois filhos (Manuel Casimiro e José Manuel), e do amigo, dedicado, fiel e generoso.

- Enfim, para nós, é o amigo da França. A amizade que Manoel de Oliveira tem pela França toca-nos, comove-nos e orgulha-nos. É uma felicidade e uma honra para nós que, durante todos estes anos, o nosso país, nomeadamente através do Centro Nacional do Cinema, tenha sabido apoiar a sua obra. Ficamos orgulhosos por uma parte desta obra ter sido realizada em França e

na nossa língua. Estamos orgulhosos pelo facto de, desde a publicação, em 1931, do artigo sobre o *Douro, Faina Fluvial*, do jornalista Emile Vuilermoz, do jornal "*Le Temps*", os críticos de cinema franceses se terem empenhado em defender a sua obra.

- Acrescento que recebeu nomeadamente em França o Prémio Robert Bresson, em 2004. E recebeu no Festival de Cannes, em 2008, uma Palma de Honra pelo conjunto da sua obra.

- o Presidente da República Francesa distinguiu-o com o grau de Comendador da Legião de Honra em 2005.

Tal como o seu amigo Jean Rouch, o Senhor gosta de pontes e, como ele, sabe construir essas passadeiras que unem os países, as culturas, as pessoas, como disse o poeta, que o Manoel de Oliveira é: "num punhado de mãos amigas...".

Pela sua carreira excepcional, por esta amizade que o liga ao nosso país, as autoridades francesas decidiram atribuir-lhe a distinção de "*Grand Officier de la Légion d'Honneur*" de que vou entregar-lhe as insígnias.

Manoel Cândido Pinto de Oliveira, em nome do Presidente da República Francesa, entrego-lhe as insígnias de "*Grand Officier de la Légion d'Honneur*".